

PREFÁCIO

O estabelecimento de textos idôneos — fiéis ou fidedignos — no Brasil está principiando a merecer mais generalizados cuidados, que há muito deveriam ter sido consagrados até em nível editorial comercial. Mas, em verdade se diga, a definição e delimitação desses cuidados, e a caracterização da técnica de respeitá-los são problemas permanentemente abertos e, destarte, com soluções sempre próprias a cada texto. É que são várias as coordenadas fundamentais para o estabelecimento de um texto dado, pois vários são os pólos de suas possibilidades dentro dos quais se situa a rica massa intermédia das soluções. O tempo em que foi escrito, a existência de autógrafos, de edições em vida do autor, a extensão da produção deste, as convicções que êle tenha externado (e praticado) sobre a norma lingüística, tudo isso e tantos mais elementos específicos a cada texto pesam para que não se possa pretender aspirar a um guia mecânico ou, pelo menos, exaustivo das questões e soluções que ocorrem durante o estabelecimento de um texto.

Se essas considerações são pertinentes, há outras, que importam ante o caso concreto da presente edição-crítica. É esta da responsabilidade da professora Maria Eurides Pitombeira de Freitas, formada pela Faculdade de Santa Úrsula (Rio de Janeiro GB), em exercício no magistério secundário do Rio de Janeiro, desde 1959. Frequentou ela o Curso Superior Livre de Crítica Textual, do Instituto Nacional do Livro, em 1965-1966, quando acompanhou aulas dos professores Antenor Nascentes, M. Cavalcanti Proença, Joaquim Matoso Câmara Júnior, Antonio José Chediak, Celso Ferreira da Cunha e o signatário destas linhas. E, como trabalho aplicado, propôs-se enfrentar uma situação de preparação textual que se define pelos seguintes fatos básicos: 1) o texto é de autor morto não faz muito tempo; 2) é de grande escritor, por sua qualidade criadora

e pela extensão da obra; 3) restavam manuscritos para a quase totalidade do texto; 4) o texto fôra editado em vida do autor; 5) o autor tinha definidas convicções sobre a aceitabilidade das normas lingüísticas tais como codificadas pelos melhores preceptistas e não as rejeitava senão com absoluto conhecimento de causa, o que induzia à presunção de que "êrro", nêle, era sempre a possibilidade de uma deliberada heterodoxia criadora.

Não ignorava ela, de outra parte, que Graciliano Ramos é de fato um dos maiores escritores de expressão brasileira no que vai pelo menos de século. E *Insônia* tem lugar relevante em sua obra — razão por que a empreza que pretendia acometer redobrava de dificuldades. O repto era, por conseguinte, complexo.

Tinha ela, ante si, duas maneiras de apresentar os resultados do seu labor crítico: ou a de abundar em considerações introdutórias que discutissem o mérito das variantes textuais registradas no aparato crítico, ou a de ser extremamente concisa nessas considerações introdutórias, a fim de dar pura e simplesmente o padrão que seguira para o estabelecimento do cânon. A primeira derivou-se desde logo menos aconselhável — por uma razão relevantíssima: tratando-se do primeiro estabelecimento crítico de um texto de Graciliano Ramos, seria temerário qualquer comentário generalizador, que parecerá cabível somente quando se dispuser de vários textos criticamente estabelecidos de obras outras de Graciliano Ramos. Impunha-se-lhe, por conseguinte, a linha de comedimento extremo, num trabalho de aparente e real humildade, em que os seus esforços de colação como que se esbatessem, reduzindo-se a uma operação asséptica de mera indicação de fatos pertinentes, entretanto importantes para as futuras análises estilísticas — *lato sensu* — da obra do grande criador.

O resultado aí está e é precìpuaente endereçado ao grande público e ao público especializado, a um tempo. O primeiro lerá *Insônia* na certeza de que dispõe de um texto tão aproximativamente fiel e fidedigno da vontade ou ânimo autoral de Graciliano Ramos, que mais não poderá, a êsse respeito, querer. O segundo verá, na economia quase austera da introdução, e na pertinência e adequação do aparato, o material de que necessita para entrar nos por-

menores da criação lingüística e estilística de Graciliano Ramos tal como concretizada em *Insônia*, na esperança de que suas outras obras venham a merecer igual tratamento, com o que se poderá dispor do cânon do autor em versão textual definitiva.

Não caberiam aqui, já agora, considerações outras sôbre a tarefa realizada, que é meritória exatamente naquilo que entremostra: a editôra-crítica descartou tudo que lhe pareceu irrelevante, o que é um ato de saber e de coragem. E revelou tudo que lhe pareceu ter valor expressivo, vale dizer, a um tempo, idiolético, lingüístico, normativo, estilístico e criador — deixando o comentário (que não cabe, de necessidade, no estabelecimento de um texto-crítico) aos exegetas da arte literária de Graciliano Ramos. Mas cabe reconhecer que, ao cabo dêste primeiro esforço sôbre os textos do escritor, sua obra se revela bem preservada.

Que se louve, por conseguinte, o trabalho de Maria Eurides Pitombeira de Freitas pelos méritos que apresenta.

Rio de Janeiro, 20 de abril de 1969

ANTONIO HOUAISS

XIII